

# POLÊMICA NAS REDES SOCIAIS: INTERAÇÕES SOBRE O ATAQUE AO CANDIDATO JAIR BOLSONARO

Ananias Agostinho da Silva <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho trata sobre a construção de polêmicas nos espaços públicos das redes sociais digitais. Em específico, focaliza a polêmica construída em interações no *Twitter* sobre a o ataque sofrido pelo então candidato à presidência do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, no município de Juiz de Fora, em Minas Gerais, no dia 06 de setembro de 2018. Interessa observar as estratégias linguísticas mobilizadas pelos usuários dessa rede social para inscreverem seus pontos de vista (suas teses e argumentos) e construir a polêmica pública, bem como refletir sobre as funções que o desacordo pode cumprir nesse contexto histórico de exercício da democracia. Fundamenta-se no quadro teórico que contempla o Estudo da Polêmica, desenvolvido por Amossy (2011, 2012, 2017a, 2017b).

**Palavras-chave:** Polêmica. Redes Sociais. Interações. Jair Bolsonaro. Ataque.

## Introdução

Desde meados de 2014, a imprensa brasileira e a internacional têm divulgado dados estatísticos que atestam a gravidade da crise econômica que assola o Brasil desde aquele ano. O país tem passado por sucessivos períodos de recessão, com recuo consecutivo do Produto Interno Bruto pelos dois anos seguintes. A contração da economia, provocada por esse agravamento da crise, trouxe diversos problemas econômicos e sociais ao país: aumento da taxa de desemprego, aumento da inflação e de juros, queda da produção industrial e do comércio, rebaixamento da classificação de crédito, dentre outros. Em curto prazo, esses problemas estão afetando diretamente a vida de todos os brasileiros, cominando insatisfações e revoltas de diversas classes e setores sociais, que se mostram, também, descontentes com as medidas de recuperação da economia do país: novo regime fiscal, teto para o crescimento dos gastos públicos, reforma trabalhista, terceirização e reforma previdenciária.

Não obstante, a crise econômica tem sido afetada pela crise política que existe no país – concomitantemente iniciada naquele mesmo ano. Em síntese, tal crise teve início com os diversos escândalos de corrupção e lavagem de dinheiro descobertos pela polícia federal do Brasil, que envolviam políticos de diversos partidos. Além disso, nesse mesmo período, em eleição presidencial, a candidata Dilma Rousseff foi eleita para segundo mandato, derrotando o candidato Aécio Neves por uma margem bastante estreita de

---

<sup>1</sup> Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Brasil. Email: ananias.silva@ufersa.edu.br

votos. O resultado da eleição gerou insatisfação entre o grupo oposicionista e provocou uma série de manifestações e de conflitos e culminou com o processo de *impeachment* sofrido pela presidenta em 2016. A partir de então, a presidência do país foi assumida por Michel Temer, cuja administração tem sido abalizada por um conjunto de reformas impopulares que se propõe a recuperar o país.

É neste cenário que tem início a campanha presidencial das eleições de 2018 no Brasil. Com a promessa de recuperar o país das duas crises, diversos partidos políticos têm colocado candidatos à disposição dos eleitores brasileiros para assumirem o cargo majoritário. O Partido Social Liberal registrou o nome do deputado federal Jair Messias Bolsonaro como candidato à presidência do Brasil. O candidato tem se destacado, especialmente na mídia digital, por defender uma postura conservadora, que lhe tem assegurado lugar como representante, num espectro ideológico político, de uma extrema direita, cujo foco está na defesa da tradição e dos costumes. Nas redes sociais, Bolsonaro tem agregado diversos seguidores que coadunam com suas ideias e declarações, mas, por outro lado, também tem conquistado o desafeto de um número expressivo de internautas que enxergam em suas propostas uma ameaça à democracia e à liberdade no país.

De fato, Jair Bolsonaro tem sido apresentado pela mídia, a partir de suas declarações, como um sujeito *polêmico* – no sentido tradicionalmente atribuído ao termo. Numa busca simples em um sítio de pesquisa eletrônica, o nome de Jair Bolsonaro é associado a posicionamentos extremistas em temas que polarizam o país: defesa da ditadura e de métodos de tortura como prática legítima, castração química para estupradores, uso de armas pelos cidadãos, oposição ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, apologia ao racismo, à homofobia, à misoginia e ao sexismo. A assunção desses posicionamentos, na mídia digital e televisiva, tem projetado um *ethos* pretendido pelo candidato perante seus seguidores. Todavia, paradoxalmente, também projeta a construção de uma imagem negativa perante seus adversários, de uma ameaça eminente aos direitos historicamente conquistados.

O antagonismo nacional em relação ao candidato Jair Bolsonaro foi ainda mais acirrado diante de um fatídico atentado sofrido no período de campanha eleitoral, no município de Juiz de Fora, em Minas Gerais, no dia 06

de setembro de 2018. O candidato participava de um ato de campanha quando foi atacado por um golpe de material perfurocortante (uma faca) na região do abdômen, sendo, logo depois, submetido a uma laparotomia exploratória. O autor do atentado foi identificado imediatamente como Adélio Bispo de Oliveira, que confessou à polícia ter agido de forma independente, sem nenhuma motivação político-ideológica, apenas movido por uma inspiração divina. Por causa do ataque sofrido e das complicações dele decorrentes, o candidato à presidência Jair Bolsonaro foi provisoriamente afastado dos principais atos de campanha eleitoral, previamente programados pelo partido.

A partir de então, controvérsias de diversos tipos eclodiram na imprensa nacional e internacional, bem como na mídia. As especulações giram em torno de fatos como: reações ao ataque sofrido pelo candidato, a veracidade do ataque, os destinos da campanha política à presidência em andamento, o estado de saúde do candidato, as motivações do autor do ataque, a possibilidade de envolvimento de partidos políticos de esquerda, a repercussão do atentado na campanha, os resultados de pesquisas eleitorais, dentre alguns outros. Com efeito, o dissenso político que dominava o Brasil em torno da candidatura de Jair Bolsonaro foi ainda mais energizado com o ataque sofrido pelo candidato. Os seus seguidores, com maior ou menor ênfase, acusaram o governo dos partidos de esquerda pela crise de segurança pública do Brasil e, portanto, da violência sofrida por Jair Bolsonaro. Defensores de candidatos e partidos de esquerda atribuíram o ataque a um efeito provocado pela apologia ao uso de armas feita pelo próprio Bolsonaro.

O debate instaurado teve repercussão em toda a imprensa, mas foi nas redes sociais que ele de fato se desenvolveu. Na verdade, desde o episódio do ataque ao candidato, as redes sociais tornaram-se palco de diversas interações a respeito, quase sempre mais conflituosas do que harmônicas – o que parece ser bastante típico nesse tipo de plataforma digital (CABRAL e LIMA, 2017). Por causa disso, nesse trabalho, focalizando a dimensão do dissenso nas redes sociais, interessa-nos analisar a construção da polêmica pública em interações verbais conflituosas veiculadas na rede social *Twitter* sobre o referido atentado sofrido pelo candidato à presidência Jair Bolsonaro. Em específico, pretendemos observar as estratégias linguísticas mobilizadas pelos usuários dessa rede social para inscreverem seus pontos de vista (suas teses

e argumentos) e construir a polêmica pública, bem como para as funções que o desacordo pode cumprir nesse contexto histórico de exercício da democracia.

Para dar conta desse objetivo, o nosso trabalho se inscreve no quadro de estudos em análise do discurso numa interface com a argumentação, mais em específico nas investigações que contemplam o Estudo da Polêmica desenvolvido por Amossy (2011, 2012, 2017a, 2017b). Além disso, esquematicamente, divide-se em duas partes principais, além dessas considerações iniciais e das finais: a primeira focaliza o estatuto da polêmica pública, sua constituição e suas funções nas sociedades democráticas; a segunda apresenta a análise dos *twittes* sobre o episódio do ataque ao candidato Jair Bolsonaro, atentando para as estratégias utilizadas pelos usuários na construção de discursos polêmicos.

### **Estatuto da polêmica**

Na tradição retórica aristotélica, os estudos sobre argumentação, de um modo geral, focalizaram sempre o consenso. A retórica compreendia uma arte de negociação de diferenças para se chegar a um acordo. Era, por isso, fundamental para a democracia: o orador fazia uso da retórica para compartilhar seus pontos de vista e concepções com o auditório, a fim de que este pudesse compartilhar de suas convicções e de que as decisões tomadas representassem os interesses da maioria. Como colocaram Perelman e Tyteca (1996, p. 50), ao recuperarem a retórica aristotélica: “o objetivo de toda argumentação [...] é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão”. Ora, argumentar, portanto, seria uma ação humana, uma ação que implicaria o ato de convencer ou mesmo de persuadir o outro sobre a validade de uma opinião defendida, visando ao acordo.

Para Amossy (2017a), a importância central que conferida ao acordo pela retórica é típica do pensamento democrático que lhe deu origem. A retórica nasce com o surgimento da própria democracia. No entanto, se focalizarmos a história das sociedades democráticas pluralistas, veremos, com

facilidade, que, nesses espaços, o acordo parece ter sido sempre uma utopia não alcançada. O que se verifica nas sociedades democráticas é um pluralismo que lhe é constitutivo. As dissensões são construídas e se multiplicam a todo tempo, através dos debates públicos. De fato, longe de estarem voltadas para o acordo, as interações verbais nas sociedades democráticas focalizam a polêmica, o dissenso de opiniões e de pontos de vistas. Na verdade, o dissenso parece ser muito mais constitutivo da democracia do que o acordo, porque mesmo em situações em que o consenso é imposto, como por meio de dispositivos jurídicos (leis), por exemplo, ainda assim a polêmica não cessa.

Nas sociedades democráticas contemporâneas, como é o caso do Brasil, afeitas ao espetáculo – para usar o termo de Guy Debord, autor de *A sociedade do espetáculo* –, parece que as polêmicas se tornarão ainda mais consistentes e frequentes. Sim, porque elas sempre envolvem pelo menos dois grupos de sujeitos: os vencedores pelos quais torcemos e os perdedores que ridicularizamos e desprezamos (AMOSSY, 2011). Trata-se de uma espetacularização do conflito: além de buscarem se inteirar e tomar conhecimento a respeito de uma polêmica, as pessoas também buscar atuar na polêmica construída, levando em conta as possibilidades de identificação com um lado ou outro envolvido. Toda participação é assistida, é acompanhada, como se fosse a representação de um espetáculo, mesmo aquela que incita ao ponto de vista contraditório, porque é essencial, no processo argumentativo, conhecer a tese do inimigo para poder refutá-la.

Na maioria dos casos, as polêmicas instauradas nessas sociedades são quase sempre criadas ou difundidas pela mídia. Na verdade, segundo observa Amossy (2017b, p. 08), “as mídias não cessam de orquestrar e de difundir polêmicas sobre uma multiplicidade de assuntos ditos de interesse público”. Os jornais, em especial, têm se especializado como suportes de gestão de conflitos, seja por meio da cobertura de eventos que envolvem a produção de discursos polêmicos ou mesmo porque incitam a fabricação de polêmicas com os discursos produzidos em seus mais diversos gêneros de texto. Todavia, são nas chamadas redes sociais digitais que os discursos polêmicos se geram e se proliferam com uma velocidade e um fluxo difíceis de controlar. É que a estrutura que organiza esse ambiente digital chancela uma exposição mais espontânea dos pontos de vista de seus usuários: a

identificação com um grupo social, a possibilidade de anonimato da identidade, a condição de participante de uma discussão ampliam as possibilidades de divulgação de informações e mesmo de proliferação de tomadas de posição (CABRAL *et al*, 2015).

As redes sociais são, portanto, espaços públicos nos quais se instauram as polêmicas nas sociedades contemporâneas. Trata-se de polêmicas públicas. Na antiguidade, as polêmicas desenrolavam-se nas praças públicas, nos grandes centros de comércio, nos espaços jurídicos. Hoje, desenvolvem-se na mídia, nos jornais, nas redes sociais, especialmente. Segundo contam Cabral e Lima (2017), os espaços públicos digitais trouxeram uma nova dimensão temporal para a divulgação de informações e, conseqüentemente, da expressão de tomadas de posição frente às informações que circulam na rede. Tudo é muito volúvel, tudo se torna facilmente publicizado nas redes. Qualquer evento que desperte emoções, mesmo efêmero, pode provocar um choque de conflitos, de pontos de vistas e de interesses nas redes sociais e envolver um número expressivo de usuários. Em outras palavras, qualquer evento pode gerar a produção de discursos polêmicos nas redes sociais.

O discurso polêmico compreende um fenômeno sociodiscursivo. Trata-se de uma forma de interação verbal ancorada num conflito a respeito de uma questão da atualidade de interesse público. Caracterizam-na: a dicotomização do discurso, a desqualificação do outro e o apelo às emoções (AMOSSY, 2017b). É justamente a oposição de discursos que distingue a polêmica do simples debate conflitual. A polêmica instaura uma dicotomização na qual duas opções antitéticas se excluem mutuamente, sem a pretensão de uma possibilidade de solução ou de acordo. A dicotomização instaurada no discurso polêmico torna problemática a busca de um consenso entre as partes envolvidas, porque as posições dos atores envolvidos na polêmica são bem colocadas e estabelecidas. A polêmica envolve um *proponente* e um *oponente* em face de um *terceiro*. “Não se trata aqui mesmo de pessoas, mas de papéis (temáticos): defensor da posição proposta, opositor dessa posição, ouvinte-espectador da confrontação” (AMOSSY, 2017b, p. 56). É por isso que a polêmica também instaura uma operação de polarização como um efeito sociodiscursivo da dicotomização.

A polarização provoca um movimento de difamação do outro, uma espécie de estratégia retórica utilizada para desqualificar o adversário. Para desqualificar o discurso do outro, a polêmica pode recorrer a um conjunto de procedimentos discursivos e retóricos, tais como: a negação, os jogos sistemáticos de oposição, a marcação axiológica, a reformulação, a ironia, o manejo direcionado do discurso relatado, a hipérbole, dentre outros (AMOSSY, 2017a). São estratégias que pode usar o proponente para desqualificar o discurso do adversário ou mesmo lançar descrédito sobre a imagem do próprio adversário. É o caso de uso do argumento *ad hominem*. Não basta desqualificar apenas o discurso do adversário, mas a sua própria imagem ou do grupo que representa também parece precisar ser afetada pelo descrédito atribuído. Nesses casos, a violência verbal assume papel como estratégia do discurso polêmico, porque a agressão ao outro implica sempre em desqualificação.

“A confrontação dicotomizada de teses antagônicas e a polarização que ela desencadeia supõem sujeitos profundamente implicadas no debate” (AMOSSY, 2017b, p. 61). Isso significa que o discurso polêmico é atravessado pela emoção, pela subjetividade do locutor, marcada pela sua tomada de posição em relação ao tema tratado. De fato, no discurso polêmico, o locutor pode inscrever numerosas marcas de subjetividade que apontam para o ponto de vista tomado, tais como afirmações categóricas, negações, exclamações, dentre outras. Nesse sentido, a emoção aparece como resultado da implicação do locutor no seu discurso: quanto mais engajado o locutor, mais marcado será o discurso polêmico. Além disso, do ponto de vista argumentativo, as emoções podem funcionar como estratégias axiais na defesa do ponto de vista pretendido.

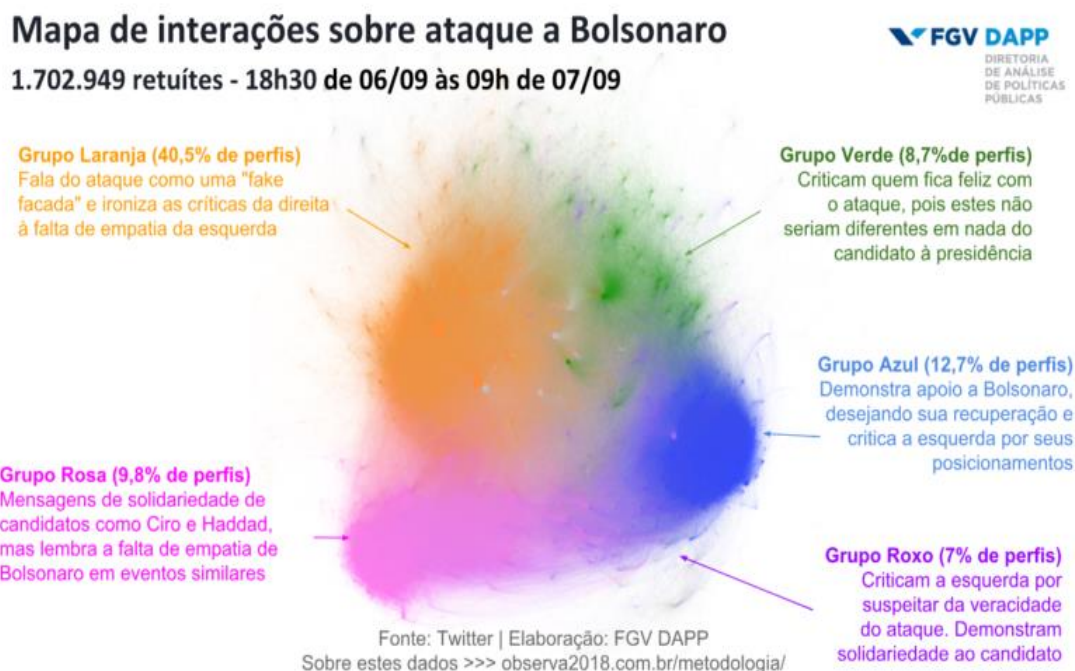
Todavia, Amossy (2017b) alerta que a violência verbal e as emoções não constituem os fundamentos da polêmica, não são, pois, dimensões obrigatórias do discurso polêmico. O locutor pode implicar-se fortemente em uma polêmica sem o uso de um recurso marcado pela emoção em seu discurso. De igual modo, nem toda violência verbal gera uma polêmica – uma troca de insultos entre dois indivíduos particulares não instaura uma polêmica. Os procedimentos discursivos que sugerem a impressão de uma violência verbal só se tornam polêmica quando são utilizados no contexto de uma

confrontação de opiniões contraditórias. É por isso que a autora insiste em defender que a polêmica se caracteriza muito mais pela dicotomização, pela polarização e pelo descrédito à tese ou à pessoa do outro com quem se argumenta. Por isso constitui uma modalidade argumentativa, presente nos mais diversos gêneros de texto.

## Análise

O atentado sofrido pelo candidato à presidência do Brasil Jair Bolsonaro provocou o surgimento de diversas interações verbais nas redes sociais. Segundo levantamento realizado pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas (DAPP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no caso da rede social *Twitter*, no Brasil, o ataque ao candidato foi o evento de maior repercussão desde a eleição à presidência do ano de 2014. Num intervalo de tempo calculado em quase 16 horas, após a execução do evento, a DAPP identificou mais um milhão de referências ao ataque nas postagens dos usuários. O levantamento feito pode ser mais bem visualizado no mapa abaixo reproduzido:

**Figura 01:** Mapa de interações sobre ataque ao candidato Jair Bolsonaro



**Fonte:** DAPP FGV.



As interações dos usuários da rede social digital refletem uma polarização em torno do evento ocorrido. É possível identificar pelo menos dois blocos que dividem opiniões antagônicas em torno do episódio: o primeiro, formado pelos grupos laranja e rosa, coloca em discussão a legitimidade do ataque (acusam de poder tratar-se de uma notícia falsa) ou relacionam-no à falta de empatia que o candidato teve com eventos semelhantes envolvendo outros políticos, como a doença da Ex-Presidente Dilma Rousseff ou a prisão do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Trata-se de um bloco formado por usuários que apresentam uma ideologia de esquerda e que se colocam como opositores ao candidato Bolsonaro e às suas propostas e ideias de direita extremistas.

O segundo bloco, formado pelos grupos verde, azul e roxo, condenam o atentado sofrido pelo candidato e criticam os usuários que questionam sobre sua veracidade ou que corroboram com a agressão sofrida. O bloco é constituído por usuários que defendem o candidato Jair Bolsonaro e que lhe prestam alguma solidariedade por causa do atentado. A defesa sugere engajamento dos usuários com as ideias difundidas pelo candidato, com seu ativismo político e com seu projeto de governo para o país. Parecem ser, portanto, mesmo correndo o risco da generalização, possíveis eleitores do então candidato à presidência. De fato, o levantamento demonstra a polarização em torno do acontecimento que envolveu o candidato Jair Bolsonaro e desencadeou o surgimento de uma polêmica pública nas redes sociais.

A seguir, copiamos *twittes* que reportam interações entre usuários sobre o ataque sofrido pelo candidato. No caso de perfis de personalidades públicas que postaram comentários sobre o assunto, mantemos a identificação, por se tratarem de páginas de acesso público. Noutros casos, preferimos pelo anonimato dos usuários – apesar de que, nas redes sociais digitais, nem sempre os perfis correspondem à identidade social dos seus usuários. Os *twittes* copiados aqui foram publicados na rede após o atentado ao candidato e atestam que a polêmica em torno do evento desenvolveu-se para além do dia em que ocorreu, mesmo que o clímax das interações a respeito tenha se dado no período acima indicado.

(01)

a maior fake news dessas eleições presidenciais foi feita por quem? pelo mesmo cara que as condena. nunca vi facada por cima da camisa que não corta a camisa. nem facada “superficial” que não sai sangue.

(02)

Os tiros no ônibus do DESGRACADO do Lula foi armação, mas essa facada que o @jairbolsonaro tomou no abdômen é vdd.

Os dois comentários colocam em questão a veracidade do ataque sofrido pelo candidato Jair Bolsonaro, sugerindo tratar-se de uma estratégia de *marketing* para alavancar a sua campanha eleitoral. Acusam, pois, o candidato de forjar uma *fake news*, um tipo de notícia falsa divulgada com intenções questionáveis, com o objetivo de enganar o público para se obter ganhos políticos. Com a acusação, o usuário autor do primeiro comentário parece pretender desqualificar o candidato e a sua campanha eleitoral. O descrédito atribuído ao candidato sustenta-se num espécie de argumentação *ad hominem*: o candidato critica a construção de *fake news*, mas produz uma em torno de si como estratégia de *marketing* eleitoral para a sua campanha.

Há justificativas para a acusação de *fake news* sobre o evento envolvendo Bolsonaro: a ausência de marca de corte na camisa pelo objeto perfurante usado supostamente para agredir o candidato e a ausência de sangue na camisa. Essas acusações causaram diversas controvérsias na mídia jornalística sobre o ataque a Jair Bolsonaro. Especulações de domínios diversos procuraram reconstruir as cenas envolvendo o atentado e o ferimento provocado no candidato, para discutir a possibilidade de verdade ou não. O comentário em se funda num raciocínio que nega a veracidade do ataque por ausência imediata de provas técnicas: o furo na camisa e o sangue do ferimento provocado.

Interessante também considerar o dialogismo do termo *superficial*. A marca gráfica sugere o deslocamento necessário para a compreensão do significado que lhe é atribuído. A respeito do episódio aqui em epígrafe, o termo foi primeiramente utilizado pelo Deputado Estadual Flávio Bolsonaro, do Partido Social Liberal, pelo Rio de Janeiro, no seu perfil no *Twitter*, para referir-se ao ferimento sofrido por seu pai, o candidato à presidência Jair Bolsonaro.

(03)

Jair Bolsonaro sofreu um atentado agora em Juiz de Fora, uma estocada com faca na região do abdômen. Graças a Deus, foi apenas superficial e ele pesa bem. Peço que intensifiquem as orações por nós!  
@FlavioBolsonaro

Ao retomar o termo utilizado pelo filho do candidato, o usuário do primeiro comentário também atualiza os sentidos atribuídos à ideia de superficial para se referir ao golpe sofrido por Bolsonaro. Não se trata de duvidar se o golpe foi, de fato, superficial, mas de colocar em questão que, mesmo no caso de cortes com profundidade superficial, o sangramento seria eminente. Dessa forma, a ausência de sangue no ferimento sofrido pelo candidato, assim como o fato de não ter sido observado nas imagens divulgadas pela imprensa o corte na camisa usada pelo candidato no dia do ataque colocam em dúvida a veracidade do ataque sofrido.

De igual modo, também o segundo comentário instaura a dúvida a respeito do acontecimento. Apesar de ser escrito de modo assertivo, o comentário nega a verdade do episódio com o candidato. Esse *modus operandi* de funcionamento da argumentação empregada pelo usuário no comentário constitui um recurso típico para a construção da ironia. Ora, de acordo com o que explica Meyer (2014, p. 119), a ironia constitui um recurso de figuratividade que “manifesta-se por uma disjunção. Contudo, já não se trata de juntar dois conjuntos de objetos ou de propriedades por uma relação de continuidade, mas decididamente de opor esses dois conjuntos”. Tal oposição pode ser muito bem visualizada na relação que se estabelece entre o ataque ao candidato Jair Bolsonaro e o episódio de ataque aos ônibus de uma caravana do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 27 de março de 2018, na rodovia que liga as cidades de Quedas do Iguaçu e Laranjeiras do Sul, no estado do Paraná. O usuário instaura uma oposição entre o verdadeiro e o falso: o primeiro episódio e o segundo, na ordem acima colocada. Todavia, o efeito de sentido pretendido é o oposto, conseguido graças ao recurso figurativo da ironia. Também o destaque gráfico colocado na adjetivação que se atribui ao Ex-Presidente Lula reforça o sentido que se pretende no comentário: o adjetivo, mesmo semanticamente negativo, não opera um efeito depreciativo ou de desqualificação sobre o sujeito, porque seu sentido também é conotativo.

Com uma orientação argumentativa contrária, os *twittes* a seguir copiados representam o polo constituído por usuários que defendem o candidato Bolsonaro e que tomam como verdade o episódio do ataque por ele sofrido em Juiz de Fora, em Minas Gerais. Além disso, também levantam acusações sobre a autoria do atentado, atribuída a partidos políticos de esquerda, no primeiro comentário, e a partidos de direita e de esquerda, no segundo.

(04)

Quando vejo o sofrimento físico que Bolsonaro tem tido, sinto um misto de revolta e asco. Revolta pelo ato covarde, injustificável. E asco pelos que tripudiam em cima de sua dor. A esquerda é a personificação do mal e do maligno. Força, Capitão! O Brasil está com o senhor.

(05)

Olhem só que ponto chegou o deserto da quadrilha tucano-petista. Tem que MATAR um candidato para manter o esquema criminoso. Bando de filhos da puta!

O comentário de número quatro focaliza essencialmente o atentado contra Bolsonaro. Descreve-o como *um ato covarde e injustificável*. Faz uso de um termo genérico para identificar a autoria do atentado – *a esquerda*. Mesmo que a mídia tenha divulgado a identidade do autor do expediente, que declarou para a polícia ter agido sem motivação de cunho político, o usuário acredita que os partidos de esquerda são responsáveis pela agressão sofrida pelo candidato. A acusação foi levada ao extremo, porque há uma tentativa de diabolização, de apresentação da esquerda com traços de personificação do mal absoluto. Trata-se mesmo de uma incitação ao ódio, com vistas à desqualificação absoluta do outro.

Conforme observa Amossy (2017b), a diabolização é uma estratégia para se levar a polarização ao extremo, que desempenha, assim como esta, um papel de agrupamento (em torno do verdadeiro e do bem) e de divisão (a luta do bem contra o mal). Assim, por um lado, o usuário diaboliza os partidos políticos de esquerda, acusados de serem responsáveis pelo ataque ao Jair Bolsonaro e de desprezarem o seu sofrimento. Por outro lado, diviniza a extrema-direita, na figura do candidato Jair Bolsonaro, segundo pode ser observado no emprego de formas de tratamento respeitoso, como *capitão* e

*senhor*. É a personificação do bem e do mal – Bolsonaro contra a esquerda política brasileira.

O enunciado final do comentário permite ainda pelo menos dois percursos isotópicos: o usuário convoca os brasileiros a se solidarizarem com o estado de saúde do candidato. Força, dessa forma, um agrupamento por identificação daqueles que, de alguma forma, se colocam como contrários à violência praticada contra Bolsonaro. Além disso, numa outra direção, reforça o apoio político do país ao candidato, sugerindo que o ataque sofrido não comprometerá a campanha em andamento, mas robustece a decisão daqueles que acompanham a indicação de Bolsonaro à presidência.

No quinto comentário, o usuário faz claramente recurso à violência verbal como estratégia argumentativa para desqualificar o adversário. A agressividade, a utilização de afrontas, de figuras de veemência e de recursos gráficos para ênfase denunciam a impressão de uma violência verbal constitutiva do comentário em análise. A generalização facilita a agressão, porque o usuário não corre o risco de se sentir incomodado ou de precisar responder de alguma forma pela violência de linguagem empregada para referir-se aos partidos políticos citados. Na verdade, a intenção parece mesmo ser acusar os partidos pelo ataque contra Jair Bolsonaro e desqualificá-los perante a sociedade brasileira. A violência verbal opera aqui como uma estratégia argumentativa direcionada para a desqualificação do outro, uma das formas de se instaurar a polêmica, conforme colocamos anteriormente.

Ainda os *twittes* abaixo copiados representam um contexto de confrontação de opiniões contraditórias.

(06)

milhões de LGBT'S morrem à facadas por conta da homofobia, e ninguém fala nada. Mulheres morrem diariamente por conta do feminicídio, e ninguém liga. Agora só porque é o bozonaro, eu tenho que ligar e ter dó? Me poupe. Se poupe. Nos poupe.

(07)

É BOLSONARO QUE PREGA O ÓDIO? Jogaram purpurina nele, ñ reagiu, ovo, ñ reagiu, cuspiram nele, ñ reagiu, deram uma facada, seus militantes nada fizeram com o camarada, foi entregue às autoridades. Imaginem se fosse com um esquerdopata, o camarada seria trucidado.

@PastorMalafaia

O sexto comentário focaliza argumentos que justificam a falta de empatia do usuário com o expediente envolvendo o candidato Jair Bolsonaro. Rememora os diversos casos de violência cometida contra as mulheres (feminicídio) e contra a população homoafetiva (homofobia) e acusa de negligência a sociedade e os dispositivos de justiça frente a esses casos. Associa-os comparativamente ao ataque sofrido por Jair Bolsonaro recorrendo ao argumento da regra de justiça, segundo o qual seres de uma mesma espécie devem ter direitos iguais, pois na identidade está a legítima causa para a justiça. Defende, por isso, que o ataque sofrido pelo candidato deve receber o mesmo tratamento dado aos anônimos que cotidianamente sofrem violência na sociedade.

Em sequência, o comentário de número sete foi postado na rede social pelo pastor Silas Malafaia, presidente da igreja evangélica Assembleia de Deus Vitória em Cristo. O pastor questiona a associação que tem sido feita na mídia entre o candidato Jair Bolsonaro e a propagação de uma ideologia do ódio. Enumera um conjunto de acontecimentos nos quais o candidato aparece como vítima de algum tipo de violência e focaliza sua passividade diante de tais fatos, tal como o fez Jesus Cristo, ao oferecer a segunda face, no Sermão da Montanha – mesmo que a comparação não seja colcoada pelo usuário no comentário, não é difícil de supor que essa é a intenção, principalmente quando se considera o lugar de onde se fala.

Insinua uma comparação do episódio do ataque a Bolsonaro com algum membro representante de partido de esquerda, nomeado de *esquerdopata*. Trata-se de termo que passou a ser empregado com generalização para referir-se aos militantes e defensores de uma ideologia política de esquerda. O termo adquiriu uma conotação pejorativa, porque sugere uma patologia, conforme indica o sufixo *pata*. Assim, o emprego do termo acaba funcionando como uma estratégia que visa à desqualificação do outro, em oposição ao candidato Jair Bolsonaro. Porque são doentes, os militantes de esquerda não seriam passivos diante de ataques semelhantes aqueles sofridos pelo candidato, mas responderiam com violência, porque são eles, de fato, que propagam o ódio. É esse o raciocínio que sustenta o comentário do usuário.

O usuário parece pretender a operação de uma desconstrução do *ethos*, da imagem que vem sendo atribuída a Bolsonaro de que prega o ódio e de que faz apologia à violência. Na condição de pastor, de representante do evangelho, Silas Malafaia sente-se autorizado a intentar tal operação, utilizando como argumento o exemplo dos ataques sofridos pelo candidato. Oportunamente, transfere o *ethos* atribuído a Bolsonaro para seus opositores, os militantes de esquerda, colocados como os verdadeiros responsáveis pela violência praticada no país.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, buscamos analisar práticas discursivas por meio das quais, num espaço público e num contexto histórico delimitados, se constrói a polêmica. Em específico, tratamos de verificar interações verbais na rede social *Twitter* em torno do atentado cometido contra o candidato à presidência Jair Bolsonaro, no município de Juiz de Fora, em Minas Gerais, focalizando o funcionamento verbal do discurso polêmico. Guiou-nos a ideia de que a polêmica se inscreve em um recorte temporal específico e se desenvolve em um espaço público a partir de um acontecimento dado.

Observamos que os discursos que constituem a polêmica se repercurtem num choque de posições antagônicas, mesmo que não façam referência direta ao outro. Eles dicotomizam uma realidade, construindo polarizações. Acompanhando Amossy (2017b), nesse choque de posições, as paixões se inflamam, de maneira que podem acontecer ataques virulentos ao adversário, sempre desqualificando-os em relação às suas tomadas de posição. O que verificamos no confronto dos comentários analisados é uma polarização que opõe os usuários defensores do candidato Jair Bolsonaro e a verdade sobre o ataque sofrido e os usuários que se colocam como opositores ao candidato e que questionam a veracidade do ataque. Entre esses grupos se constrói uma tensão muito grande, que parece não permitir o acordo, que se chegue a um consenso em torno do acontecimento questionado e sobre o resultado da eleição em curso.

Por outro lado, a polêmica parece exercer aqui uma função sociodiscursiva fundamental ao ensejar uma confrontação pública: permite a

dissenção, isto é, possibilita que cada um dos dois grupos possa exercer suas opiniões, apresentar e defender seus pontos de vista conforme as ideologias que os orienta. Permite aos dois grupos oporem-se como adversários que reconhecem mutuamente o direito à livre expressão e à tentativa de conquistar a adesão daqueles que aparecem como expectadores da polêmica (AMOSSY, 2017b). Tal aspecto, típico de sociedades democráticas, deve sempre ser preservado, especialmente quando vivemos tempos em que se ameaçam esses direitos, em que se questionam uma coexistência do dissenso.

## **SOCIAL NETWORK POLICY: INTERACTIONS ON THE ATTACK OF CANDIDATE JAIR BOLSONARO**

**Abstract:** The present work deals with the construction of controversies in the public spaces of digital social networks. Specifically, he focuses on the controversy built up in Twitter interactions about the attack suffered by then-presidential candidate Jair Messias Bolsonaro, in the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, on September 6, 2018. It is interesting to observe the strategies linguists mobilized by the users of this social network to inscribe their points of view (their theses and arguments) and construct the public controversy, as well as reflect on the functions that the disagreement can fulfill in this historical context of the exercise of democracy. It is based on the theoretical framework that contemplates the Study of Polemics, developed by Amossy (2011, 2012, 2017a, 2017b).

**Keywords:** Controversy. Social networks. Interactions. Jair Bolsonaro. Attack.

### **Referências**

AMOSSY, Ruth. La coexistence dans le dissensus. La polémique dans les forums de discussion. *Semen*, n. 31, p. 25-42, 2011.

\_\_\_\_\_. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Colin, 2012 [2000].

\_\_\_\_\_. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. Trad. Angela Maria da Silva Corrêa. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 13, p. 227-244, jan/jun. 2017a.

\_\_\_\_\_. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017b.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco *et al.* L'articulation entre le descriptif et les émotions dans l'argumentation en faveur de Dominique Strauss-Kahn. In: RABATEL, Alain; MONTE, Michèle; RODRIGUES, Maria das Graças Soares (eds). *Comment les médias parlent des émotions l'Affaire Nafissatou Diallo contre Dominique Strauss-Kahn*. Limoges, LambertLucas, 2015. 332 p. p.307-323.

\_\_\_\_\_; LIMA, Nelci Vieira de. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, jan. 2017.



FGV – Fundação Getúlio Vargas – DAPP. *DAPP Report: A semana nas redes*. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/politica-na-rede/post/>. Acesso em: 14 set. 2018.

MEYER, Michel. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Lisboa: Edições 70, 2014.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Data da Submissão: 23/09/2018

Data da Aprovação: 18/12/2018